

**O DIÁLOGO ENTRE “O BOTO” E “DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS”  
SOB A ÓTICA DA LITERATURA COMPARADA**

**THE DIALOGUE BETWEEN “O BOTO” AND “DONA FLOR E SEUS DOIS  
MARIDOS” FROM THE PERSPECTIVE OF COMPARATIVE LITERATURE**

Henrique Branco Diniz<sup>1</sup>

Universidade Federal do Pará

Francisco Pereira Smith Júnior<sup>2</sup>

Universidade Federal do Pará

Sérgio Wellington Freire Chaves<sup>3</sup>

Universidade Federal do Pará

Paulo Santiago de Sousa<sup>4</sup>

Universidade Estadual Paulista

**Resumo:** Este trabalho tem o fito de confrontar a lenda amazônica do *Boto* e a obra literária *Dona Flor e seus dois maridos* de Jorge Amado – principalmente no que tange a personagem “Flor”. À vista desse recorte, nos textos serão analisados os personagens, as linguagens usadas (oral, escrita e corporal) e os contextos, todos vistos sob a perspectiva da Literatura Comparada, a qual usará como alicerce metodológico outras áreas de conhecimento no sentido de aprofundar e elucidar pontos obscuros nesse dialogismo. Ademais, lançando mão da intertextualidade – logo, interdiscursividade – exploraram-se problemáticas deturpadas por uma sociedade patriarcal e depois se critica o porquê dessa naturalidade/irresponsabilidade na esfera social; expõem-se divergências e semelhanças encontradas nos dois discursos que, embora desenvolvidos e separados por anos ainda não datados, possuem demasiados detalhes em comum. Destarte, o debate aqui suscitado demonstra sua relevância enriquecendo a percepção analítica do leitor levando-o a observar os objetos de estudo com um olhar interdisciplinar, isto

<sup>1</sup> Graduando na Universidade Federal do Pará em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa; Bolsista PIBIC/CNPq no Projeto Ecos literários: Um estudo da literatura de expressão amazônica sob perspectiva comparada. Integrante do GELCONPE (Grupo de Estudos de Literatura Comparada do Nordeste Paraense). <https://gelconpe.wixsite.com/gelconpe>. Email: [rickdiniz02@gmail.com](mailto:rickdiniz02@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor Assistente III da Universidade Federal do Pará; Pesquisador na área de Literatura Comparada; Professor do projeto PIBIC/CNPq Ecos literários: Um estudo da literatura de expressão amazônica sob perspectiva comparada. Coordenador do GELCONPE (Grupo de Estudos de Literatura Comparada do Nordeste Paraense). <https://gelconpe.wixsite.com/gelconpe>. Email: [fsmith@ufpa.br](mailto:fsmith@ufpa.br)

<sup>3</sup> Professor Assistente de Teoria Literária da Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança. Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Email: [sergiofreire13@yahoo.com.br](mailto:sergiofreire13@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Pesquisador da Universidade Estadual Paulista. Email: [profpaulosantiago@gmail.com](mailto:profpaulosantiago@gmail.com)

é, diversificado, cujo fim é trazer à baila as influências históricas incorporadas, difundidas e praticadas pelos sujeitos em seus cotidianos. Em síntese, desvelar-se-ão, com o comparativismo, consequências psicossociais que os diferentes papéis assumidos por esses atores/agentes acarretarão no âmbito familiar das crianças e jovens de gerações posteriores – impactos encontrados ora na lenda, ora na literatura. Para tal, serão utilizadas as teorias de Carvalho (2006), Masina & Cardoni (2002), Brandão (2004), Batista (2018), Orlandi (2010), Bakhtin (1997), Beauvoir (1970), Reboul (2004), Rousseau (2016), Fairclough (2016), Marx e Engels (2010), Lessa (2011), Althusser (1985) e Moisés (2002).

**Palavras-chave:** Boto; Flor; Vadinho; Intertextualidade; Manipulação.

**Abstract:** This work aims to confront the Amazonian legend of Boto and the literary work *Dona Flor e seus dois maridos* by Jorge Amado - especially with regard to the character “Flor”. In view of this cut, the texts will analyze the characters, the languages used (oral, written and corporal) and the contexts, all seen from the perspective of Comparative Literature, which will use other areas of knowledge as a methodological foundation in order to deepen and elucidate obscure points in this dialogism. In addition, using intertextuality - therefore, interdiscursivity - problems explored by a patriarchal society were explored and then the reason for this naturalness / irresponsibility in the social sphere was criticized; there are differences and similarities found in the two speeches that, although developed and separated by years not yet dated, have too many details in common. Thus, the debate raised here demonstrates its relevance by enriching the analytical perception of the reader, leading him to observe the objects of study with an interdisciplinary, that is, diversified, aiming to bring up the historical influences incorporated, disseminated and practiced by the subjects in their daily lives. In summary, with the comparativism, psychosocial consequences will be revealed that the different roles assumed by these actors / agents will have in the family environment of children and young people of later generations - impacts found now in the legend, now in the literature. For this purpose, the theories of Carvalho (2006), Masina & Cardoni (2002), Brandão (2004), Batista (2018), Orlandi (2010), Bakhtin (1997), Beauvoir (1970), Reboul (2004), Rousseau (2016), Fairclough (2016), Marx and Engels (2010), Lessa (2011), Althusser (1985) and Moisés (2002).

**Keywords:** Boto, Flor, Vadinho, Intertextuality; Manipulation.

**Submetido em 2 de outubro de 2020.**

**Aprovado em 25 de maio de 2021.**

## Introdução

O presente artigo visa, através da Literatura Comparada e outras áreas de conhecimento, suscitar diálogos entre a lenda amazônica e a literatura de caráter nacional. Nos dois textos, tanto *A lenda do boto*<sup>5</sup> quanto em *Dona Flor e seus dois maridos*, existem vários aspectos semelhantes, nos quais serão explorados: o ambiente carregado de mistério; os personagens presos em seus papéis sociais; e o regionalismo intrinsecamente ligado à temática.

---

<sup>5</sup>Texto retirado da obra *A TELA E O TEXTO. Lendas e mitos do Brasil*. Belo Horizonte: Tela e Texto, 2007.

O foco da comparação será nos personagens principais de cada discurso, principalmente no que concernem as relações sexuais vividas (sofridas) entre eles, haja vista que em ambos os textos a carga erótica é a força necessária para o desenvolvimento das histórias. Ademais, a copulação não é algo questionável, tal ato vira instrumento de dominação usado por homens com o fito de subjugar o sexo feminino.

Antes de propor alguma abordagem, urge salientar o que é a Literatura Comparada: não é apenas defrontar literaturas, escrever aleatoriamente seus pontos iguais e dar por finalizado o trabalho. O objetivo de quem trabalha neste campo científico vai além da sugestão que sua nomenclatura oferece.

Pode-se dizer, então, que a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe. Em síntese, a comparação, mesmo nos estudos comparados, é um meio, não um fim. (CARVALHAL, 2006, p. 7).

Utilizar-se da Literatura Comparada seria fazer uso de técnicas e mecanismos no sentido de analisar tais obras com teses fundamentadas em pressupostos concretos; entender os procedimentos necessários para seu entendimento do leitor/interlocutor; e perceber o dinamismo das literaturas, esquivando-se, todavia, de interpretações equivocadas acerca desse dialogismo.

Não obstante, abordagens metodológicas – preocupadas com as assimetrias sociais – foram selecionadas para auxiliar no estudo minucioso desse *corpus*: a Análise do Discurso (AD) por ver no signo uma ideologia capaz de superar o dito e estender-se para o não dito; a Filosofia por considerar os seres humanos dotados da capacidade de se afirmar, ao mesmo tempo, como uno e social; a Análise Crítica do Discurso para desvelar estratégias de poder e libertar os oprimidos do controle dos opressores; e, por fim, a área da educação para esclarecer mitigar os efeitos negativos advindos de certos núcleos familiares; e outras disciplinas no intuito de demonstrar a pluralidade intrínseca a cada objeto de estudo.

## 1. Da Bahia à Amazônia: a interdisciplinaridade como ferramenta analítica

Em *Dona Flor e seus dois maridos*, o escritor Jorge Amado começa o livro com a morte de Vadinho, um viciado em jogos, malandro e marido de Flor. Esta, por sua vez, é a personificação da moral e dos bons costumes, mulher financeiramente autônoma que ganha dinheiro para o casal com as aulas de culinária dadas em sua própria casa, porém presa à paixão avassaladora pelo esposo. O livro, em sua primeira edição, tinha 476 páginas e foi publicado em 1966. O cenário místico dá ao romance uma carga sexual e ao mesmo tempo purista, pois há de se levar em conta o conservadorismo presente na época. O texto se desenrola com a luta interna de Flor: a personagem sente vontade de se relacionar sexualmente com outro homem após a morte do seu marido, contudo nenhum pretendente é suficientemente bom para ela. Logo, devaneios perseguem-na durante os sonhos.

Impudica, devassa, onde nos sonhos seu recato de viúva? Nunca fora assim: mesmo casada, na cama com o marido, jamais se entregara fácil, sendo preciso cada vez ele vencer-lhe a pudicícia, romper o decoro de sua casta natureza. Pois agora, nos sonhos, ela saía a se oferecer a uns e outros; e, por vezes, nem viúva era, e sim mulher-da-vida a vender-se por dinheiro. (AMADO, 1966, p.201).

À vista dessa citação, percebe-se o entrave subjetivo na vida da personagem: por ser mulher, é impedida – pelo patriarcado enraizado em sua personalidade – de satisfazer sua libido: apenas com um bom companheiro (economicamente estável, vil e possuidor de grande prestígio social) poderá novamente saciar seu desejo. Entretanto, o homo sapiens masculino detém todos os privilégios possíveis na sociedade, enquanto a mulher é vista como ameaça ao seu domínio e, por isso, o complexo de castração lhe é predestinado. Na obra, Teodoro – o segundo marido de Flor – depois do casório com Flor pede à esposa que pare de trabalhar, já que possui condições de sustentá-los sem entraves, todavia, como dona e professora da escola de culinária “Sabor e Arte”, ela nega ao afirmar que sempre trabalhou, sempre teve seu dinheiro e que ele “Guardasse seus poréns, não repetisse tal proposta, dona Flor tinha orgulho da Escola, de sua fama, de seu bom conceito. Custara-lhe esforço e perseverança esse renome, um capital.” (IDEM, 1966, p. 256). Defronte tal perspectiva, como filósofa existencialista e autoridade no assunto, Beauvoir (1970) conclui que

[...] o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. (p. 27).

Mas não é do Estado a incumbência de reparar essas discrepâncias entre homens e mulheres? Em tese, sim, mas não é o que ocorre.

O Estado (e sua existência em seu aparelho) só tem sentido em função do poder de Estado. Toda luta política das classes gira em torno do Estado. Entendamos: em torno da posse, isto é, da tomada e manutenção do poder de Estado por uma certa classe ou por uma aliança de classes ou frações de classes. (ALTHUSSER, 1985, p.65).

O Governo é majoritariamente regido por homens, atos com o objetivo de intervir na desigualdade de gênero não são pautas observadas com a relevância social devida e, por conseguinte, estes cometem crimes de violência contra a mulher por sentirem-se superiores; reduzem elas a escravas domésticas e sexuais, as quais devem, exclusivamente, servir-lhes para o resto da vida (ou até o interesse do opressor terminar). Assim, tais ações hediondas perpetuam-se naturalizadas, seja em diferentes esferas sociais, seja na literatura de Jorge Amado (1966).

Tudo aquilo – a espera, o jogo, a cachaça, as noites fora de casa, os gritos, a violência, a vilania –, tornou-se tudo um hábito com o passar do tempo, mas dona Flor ainda não se acostumara inteiramente e morreria sem se acostumar. (AMADO, 1966, p.108).

O final da citação expressa a real posição da personagem diante do primeiro marido: mesmo parcialmente, Flor rejeita o comportamento de Vadinho; apesar de não abandoná-lo após suas mentiras, vícios e traições, tal ato corresponde a um comportamento incomum entre as mulheres do enredo ou da época; a história, ademais, mostra Flor dotada de uma subversão implícita, uma vez que nega pedidos de casórios feitos por rapazes célebres e ricos em razão de não estar apaixonada e “Nas festinhas, dançava com uns e com outros, ouvia os galanteios, sorria agradecida, não ia, além

disso. Não correspondeu nem mesmo aos apaixonados apelos de um doutorando em medicina, um paraense alegre, festeiro e almofadinha.” (AMADO, 1966, p. 61).

Concomitantemente, o mesmo ocorre na lenda amazonense do “Boto”: comemoram-se com festas e danças envolta da fogueira os dias de Santo Antônio, São Pedro e São João. Nesse clima de comemoração...

[...] o boto rosado aparece transformado em um bonito e elegante rapaz, mas sempre usando o chapéu, porque sua transformação não é completa e suas narinas se encontram no topo de sua cabeça fazendo um buraco. Como um cavalheiro, ele conquista e encanta a primeira jovem bonita que encontra, leva-a para o fundo do rio, engravidando-a, e nunca mais volta para vê-la. (A TELA E O TEXTO, 2007, p. 56)

Sob tal ótica, o caso repete-se: a mulher também sofre com o silenciamento. Conquanto, tais abusos foram naturalizados naquela região tal qual é no cenário baiano, pois esse comportamento já é esperado *dele*. Desse modo, a realidade é transformada de acordo com a capacidade do falante de lidar com os fatos; assim, é indiscutível que, mesmo possuindo meios concretos para subjugar a mulher, o homem encontrou duas barreiras que o impediram de fazê-lo: a moral e as leis. Segundo Rousseau (2016, p. 21) “Ceder à força é um ato de necessidade, não de vontade”. Através de séculos de luta, tal prática tornou-se mal vista aos olhos da sociedade e, portanto, passou a ser proibida em todos os casos. Ademais, o acesso à cultura cristã passou a incorporar na vida ribeirinha – logo, deve-se preservar a virgindade da mulher para o seu futuro marido. Oriunda dessa luta entre sexo e os costumes, surge o mito como alicerce do homem. Este suscitou uma história para justificar as consequências de seus atos, isto é, culpou o ser metafísico (Boto) pelas gravidezes repentinas de crianças e jovens; foi tão baixo que, com o passar do tempo, nem precisou acontecer festividades para os abusos acontecerem, já que, hoje, é comum culpar o animal místico quando alguma jovem aparece grávida em qualquer época do ano.

Assim sendo, desvendam-se peculiaridades culturais semelhantes das duas regiões, pois há a exploração dos contextos culturais nos quais as personagens estão inseridas, como também a importância desses aspectos históricos como manutenção da ordem social: através da Literatura Comparada, o falso isolamento de obras internacionais, nacionais ou regionais, acaba por se tornar inválido, dado que a literatura

ocidental (ou qualquer outra) está dentro de uma rede de inúmeras relações com outras literaturas (WELLEK apud CARVALHAL, 2006).

Segundo Pires (2017), o tema é o responsável pela estruturação da obra, pois é nele que o motivo – chamado também de *topoi*, isto é, o “lugar-comum’ ou assunto do qual todos sabem ao menos um pouco – se torna literário. É o tema também, conforme Machado e Pageaux (apud JUNIOR & SILVA, 2017), “[...] aquilo que é elemento constitutivo e explicativo do texto literário, elemento que ordena, gera e permite produzir o texto.”. Ao fazer um estudo comparado entre duas narrativas que possuem o mesmo tema (que é o assédio), o pesquisador ora tem que olhar para o texto literário como sistema, ora tem que olhar para o período cultural em que este foi, porque, dessa forma, não observará apenas fragmentos do texto, mas o compreenderá todo seu funcionamento (JUNIOR & SILVA, 2017). Logo, é imprescindível reiterar a extrema importância dos estudos em Literatura Comparada, devido sua forma de investigação literária que relaciona duas ou mais literaturas.

A literatura comparada é o estudo da literatura além das fronteiras de um país específico e o estudo das relações entre, por um lado, a literatura, e, por outro, diferentes áreas do conhecimento e da crença, tais como as artes [...], a filosofia, a história, as ciências, a religião etc. Em suma, é a comparação de uma literatura com outra ou outras e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana (REMAK apud FIGUEIREDO, 2013).

Machado e Pageaux, afirmam pautados em um de seus conceitos sobre Literatura Comparada, que o foco da análise deve ser na relação e duas ou mais literaturas, dois ou mais fenômenos culturais; ou, restritamente, dois autores, duas culturas das quais dependem esses autores e esses textos. Por englobar aspectos extraliterários, uma estratégia imprescindível é a interdisciplinaridade, de forma que auxilia no enriquecimento metodológico da pesquisa e no esclarecimento de questões sociohistóricas inerentes as obras, além de possibilitar a ruptura com modelos teóricos que vejam o espaço literário como estanque ou inerte (CARVALHAL, 1993).

Portanto, fica claro que as fronteiras postas com a finalidade de consolidar esse falso isolamento teórico e literário, no campo da Literatura Comparada, é superado, na medida em que a teoria da intertextualidade, proposta por Kristeva com base nos estudos bakhtinianos, é o principal fundamento desta área de pesquisa e onde a literatura se pauta na contemporaneidade, pois, segundo Eagleton (2006) toda literatura é

intertextual, visto que não existe nada como “originalidade” literária ou a “primeira” obra literária. Sendo assim, qualquer segmento escrito específico não possui limites rigorosamente definidos: esse segmento se espalha em diferentes obras, gerando inúmeras orientações diferentes.

Dessa forma, não é fácil analisar esses mitos, haja vista que eles habitam as consciências, não são materiais e inertes (BEAUVOIR, p. 183); e o locutor não é um Adão, não pode simplesmente designar os objetos que o cercam como se somente existissem após o seu nomeio (BAKHTIN, 1997); a lenda foi criada de acordo com o cenário no qual vivem as pessoas: floresta densa e rios profundos. À vista desse prisma, é imperativo que a natureza remete ao ser humano mistérios, incógnitas além da compreensão, por isso a lenda incorporou-se na região, ou seja, em razão da semelhança entre lenda e realidade, aceitaram-na como explicação. Conforme Carvalho (2006, p. 70) “(...) a obra não pode mais ser vista como algo acabado a deslocar-se intocável no tempo e no espaço, mas como um objeto mutável por efeito das leituras que a transformam.”. O dialogismo entre textos permite sempre análises heterogêneas com o passar do tempo, a necessidade desse processo intertextual surge quando assevera-se que “nem os sujeitos, nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados” (ORLANDI, 2010, p.37) e

Recordemos as teses de Protágoras: o homem é a medida de todas as coisas; em outras palavras, as coisas *são* como aparecem a cada homem; não há outro critério de verdade. O que produz o mais completo relativismo, porque, se uma coisa parece bela a um, pequena a outro, *será* as duas coisas ao mesmo tempo. Não há mais nenhuma objetividade, nem mesmo lógica, pois o princípio de contradição não vale mais. (REBOUL, 2004, p. 8)

A interpretação é ideologicamente marcada, a neutralidade não passa de discurso mal fundamentado; posto isso, com as informações crescentes sobre crimes de assédio sexual, são de suma importância debates novos acerca do assunto com o fito de nunca mais dar espaço para esses abusos, haja vista que surgem novas perspectivas e mais descobertas as quais possuem a capacidade de auxiliar na luta contra essas e novas formas de hegemonia.

O caráter de poder nas sociedades modernas está ligado aos problemas de controle das populações. O poder é implícito nas práticas sociais cotidianas, que são distribuídas universalmente em cada nível de todos os domínios da vida social e são constantemente empregadas; além disso, o poder “é

tolerável somente na condição de que mascare uma grande parte de si mesmo”. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 78).

Conhecimento, dinheiro, status: tudo isso é poder, juntos poderiam ajudar as vítimas, porém a problemática consiste na falta desses alicerces na região ribeirinha. Os recursos são poucos, conquanto existem e são destinados para essa e outras causas; mas, admitindo-se que a história de todas as sociedades se resume na luta de classes (MARX& ENGELS; LESSA), depreende-se o motivo da dificuldade em mitigar as desigualdades entre gêneros quando sabe-se que as classes mais altas não enxergam reais necessidades em investir nisso em mudanças realmente eficazes; além disso, a dificuldade em se libertar dessa prisão que aliena existe pela falta de reflexão, seja em razão da débil fiscalização estatal, seja pela negligência social. Esta, não obstante, é fruto da naturalização arraigada no cotidiano da população amazonense, tornou-se *apenas* uma história desprovida de ensinamentos, cujo fim é apenas entretenimento de pessoa qualquer.

## 2. Feminismo Vs Conservadorismo

Como já exposto, existem amarras multifacetadas para impedir a verdadeira emancipação feminina. Desde a Antiguidade Clássica ao Brasil Contemporâneo, a mulher se viu rodeada de costumes e lendas que serviram para aprofundar as desigualdades de gênero que hoje vigoram; o homem – com sua falsa sabedoria e superioridade – suscita histórias e cobrem-nas com a utópica ideia de verdade absoluta. Culpa o sexo feminino pela sua dor, porque no fundo sabe que não detêm o poder para mudar o destino e a dor existencial inexorável ao ser humano e “Esse fogo, esse sopro ativo e puro em que ele aspira a se reconhecer, a mulher o mantém prisioneiro na lama da terra. Ele se desejaria necessário como uma pura Ideia, como o Um, o Todo, o Espírito Absoluto; e encontra-se encerrado em um corpo limitado, em um lugar e um tempo que não escolheu, a que não era chamado, inútil, incômodo, absurdo.” (BEUVOIR, 1970, p. 185-186). É esse sofrimento egocêntrico e tóxico que desencadeia a violência, o ódio e as mentiras difundidas pelo *homo sapiens* macho que fazem a mulher sentir-se frágil, impotente e submissa. Na obra comparada, percebe os efeitos dessa opressão quando Flor diz: “Não entendo nada disso, meu querido, fórmulas de química e botânica, espessos argumentos. Perdoa-me se não consigo resistir ao sono,

sou uma vulgar dona de casa, uma burra, por demais ignorante, não sou feita para essas culminâncias.” (p.274)

Portanto, é de extrema relevância medidas cujas ações reverberem além das camadas sociais mais altas – como a de Flor – e cheguem às residências periféricas, nas quais as condições de ensino e aprendizagem sejam precárias, pois, as das ribeirinhas constantemente estupradas, sofrem com os impactos dessa ideologia “como um cavaleiro, ele conquista e encanta a primeira jovem bonita que encontra, leva-a para o fundo do rio, engravidando-a, e nunca mais volta para vê-la.” (A TELA E O TEXTO, 2007, p. 56). As mídias digitais possuem índices cada vez mais elevados de sujeitos preocupados com tal causa, mas suas militâncias não têm grande impacto devido ao número massivo de excluídos dessas redes sociais. Ademais, o processo de exploração capitalista esgota o vigor e, por conseguinte, o tempo que os indivíduos precisam para refletirem acerca do mundo que vivem, dificultando, assim, transformações concretas. Tendo como foco o fim da desigualdade infame entre gêneros, ressaltamos que o feminismo

[...] tem que travar uma luta ideológica contra os valores patriarcais representados diretamente pelos pais, pelos maridos, companheiros, amigos, colegas de trabalho etc. Para as mulheres, esse feminismo significa também um processo de reeducação, ruptura com uma história de submissão e descobrimento das próprias potencialidades (COSTA & SARDENBERG, 2008, p. 29).

Desse modo, é imperativo que deve ocorrer uma mudança cultural no comportamento e perspectivas da população, a fim de mudar o atual estado de (sobre)vivência onde se encontra a mulher. Mitigar as desigualdades econômicas oriundas das lutas entre classes é apenas o início de algo muito maior: o objetivo é dotar o povo brasileiro com uma reeducação e flexibilidade no que tangem os impactos psíquicos em ambos os sexos, os seja, expor aos cidadãos que a misoginia e o número elevado de feminicídios são os verdadeiros estorvos à evolução intelectual. Há quem defenda que a Literatura seja apenas ficção, produto do imaginário; algo pronto e acabado, cujas críticas já foram feitas na sua época. Não obstante, o ser humano está em constante mudança; a realidade molda-se conforme a sua vontade; por ser o ensino nunca produto e sim processo, interpretações podem, com o tempo, desaparecer do imaginário para dar lugar a outras.

Desse modo, a análise não deve ser da palavra pela palavra, mas da palavra como intermediário entre o leitor e um conteúdo de ideias, sentimentos e emoções que nela se coagula. Ou, se preferirem, a análise da palavra como veículo de comunicação entre o escritor e o público. Assim entendida, a palavra surge como um ícone, isto é, como objeto gráfico pleno de sentidos, variável dentro de uma escala complexa de valor. E é enquanto ícone, enquanto expressão de significados vários, que a palavra tem de ser analisada (MOISÉS, 2002, p. 26).

Ao ancorar-se nesse pensamento, novas diretrizes devem ser traçadas no sentido de suscitar políticas públicas efetivas e, conseqüentemente, fazer a balança pesar para o lado dos oprimidos – nesse caso, mulheres e crianças. O senso comum tão incorporado na vida de todos cumpre sua função ao organizar a realidade, pois a ciência não tem perspectivas claras sobre tudo e sempre busca aprimorar seus métodos mudando, em determinada frequência, sua opinião. Contudo, quando esse conhecimento é mal interpretado, passa a ser visto como verdade absoluta; desse modo, qualquer fuga disso sofre enormes coerções: a conscientização, a autonomia e a liberdade são práticas e estados sociais deturpados pelas classes sociais privilegiadas e impedidas de serem aproveitadas, porém necessárias à luta contra a pressão e abuso sexual no que se refere o corpo feminino.

### **Considerações Finais**

Ao analisar e criticar as literaturas conseguiu-se expor as características semelhantes entre os textos. Com isso, vários trechos, antes irrelevantes, abriram caminhos para problemáticas pouco debatidas e apuraram o olhar reflexivo dos leitores no que tangem as obras e as esferas sociopolíticas. Demonstrar as semelhanças entre o espaço amazônico e baiano, juntamente com as divergências retratadas nas duas narrativas, foram os objetivos centrais dessa pesquisa.

Vendo a narrativa amazonense “O Boto” pela ótica da Literatura Comparada com o auxílio de teóricos de outras disciplinas, foi possível vê-la não só como resultado do imaginário coletivo de um povo, mas como uma literatura viva e dinâmica, cujo tema de assédio moral e psicológico reverbera em outras literaturas – como no caso da personagem Flor que viveu parte de sua vida com os abusos de Vadinho. Longe de uma ótica bela e eurocêntrica, a qual circunscreve a imagem da Amazônia em um alcance universal, a descrição dos rios adquire uma profundidade metafórica ao saber que é um

local de violência negligenciado pela sociedade e pelo Governo. Igualmente, o modernismo de Jorge Amado revela as raízes de um relacionamento do século XX vivenciado por casais com um poder aquisitivo relativamente alto e os desafios que Flor precisou enfrentar para conquistar sua independência econômica. Logo, ao leitor é permitido enveredar, com os textos, pelas casas e margens de rios a fim de descortinar o véu dos mitos cristalizados na consciência brasileira de família perfeita.

É válido frisar a importância do comparatismo quando foi permitido, com tal método, explorar a intertextualidade, o diálogo entre os dois discursos. A interdisciplinaridade também é de suma importância para o pesquisador de Literatura Comparada, tendo em vista que leva novos conceitos ao campo literário ao tangenciar as obras nos campos das ciências humanas, enriquecendo metodologicamente a pesquisa e buscando compreender a influência de aspectos socioculturais na construção de elementos estruturais das narrativas (tais como enredo, personagens, tempo e espaço). Embora presentes em regiões diferentes e descrevidas do modo peculiar em cada autor, os textos exploram a vida das mulheres. Mulheres distintas, mas com os mesmos problemas; homens incontroláveis tentando controlar e submeter moças aos seus desejos.

## Referências

- A TELA E O TEXTO. Lendas e mitos do Brasil. Belo Horizonte: Tela e Texto, 2007.
- ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos do Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos do Estado. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- AMADO, Jorge. Dona Flor e seus dois maridos. Salvador: Companhia de Letras, 1966.
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. Estética da criação verbal. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BATISTA, José. Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas. In: \_\_\_\_\_; SATO, Denise; MELO, Iran (Orgs.). São Paulo: Parábola, 2018.
- BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: fatos e mitos. 4ª. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. Introdução à análise do discurso. 2ª. ed. São Paulo: Universidade de Campinas, 2004.
- CARVALHAL, Tânia Franco. Literatura Comparada. 4ª. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CARVALHAL, Tânia. Literatura Comparada: a estratégia interdisciplinar. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n. 1, 1993.

CARVALHAL, Tânia. Intertextualidade: a migração de um conceito. Via atlântica, n. 9, jun. 2006.

EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. 6ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. In: \_\_\_\_\_ (Org.). 2ª. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

JUNIOR, Francisco & SILVA, Antônia. O sobrenatural amazônico: um estudo comparado entre a literatura de Inglês de Sousa e Walcyr Monteiro. Revista A Palavrada, n. especial, 2017.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. Introdução à filosofia de Marx. 2ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MARX, Karl & ENGLES, Friedrich. Manifesto Comunista. IN: COGGIOLA, Osvaldo. (Org.). São Paulo: Boitempo, 2010.

MASINA, Léa & CARDONI, Vera. Literatura comparada e psicanálise: interdisciplinidade e interdiscursividade. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2002.

MOISÉS, Massaud. A análise literária. 13ª. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

COSTA, Ana Alice; SARDENBERG, Cecília Maria (Orgs.). O Feminismo do Brasil: reflexões teóricas e perspectivas NÚCLEO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A MULHER. Salvador: Universidade da Bahia, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 9ª. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2010.

PIRES, Antônio. Lugares-comuns da lírica, ontem e hoje. Linguagem – estudos e pesquisas. Catalão: v. 10, n. 1, p. 30, set. 2007.

REBOUL, Olivier. Introdução à retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROUSSEAU, Jean. Do contrato social: princípios de direito político. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.